

TRÊS IRMÃOS EM DOIS IRMÃOS: AMOR, ÓDIO E (RE)PULSA
THREE BROTHERS IN DOIS IRMÃOS: LOVE, HATE AND (RE)PULSE

Rebeca Soares de Lima (SEDUC-AM)¹
Maison Antonio dos Anjos Batista (SEDUC-AM)²

RESUMO: A família é palco de todos os sentimentos, ou ao menos assim deveria ser. Freud (2011), ao dar forma e método à Psicanálise, muito se dedicou a investigar esse grupo, em especial a sua aparente origem, a mãe e o bebê. Partindo disso, o presente artigo visa analisar a relação familiar conflituosa no romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum (2000), pelo viés Psicanalítico freudiano, com enfoque no vínculo dos três filhos de Zana: Yaqub, Omar e Rânia. Na teoria freudiana, o bebê percebe-se *um* com a mãe e esta, ao longo do tempo, vai se distanciando dele, de modo que o infante percebe que sua mãe não é mais extensão de seu corpo. Nesse distanciar, outros sujeitos adentram à relação; o primeiro, tradicionalmente exposto por Freud, seria o pai, mas pode ser qualquer pessoa ou situação que retire a mãe do contato pele a pele com o filho. Em *Dois irmãos* há uma peculiaridade, Omar e Yaqub são gêmeos, o que faz com que essa percepção de *ser um* aconteça com os dois, assim como o desligar-se dela. Dessa maneira, o primeiro vínculo anuncia amor e, depois, o ódio. Na trama exposta não é o pai quem faz a separação mãe-bebê, mas o irmão (seu igual?). Amor e ódio nascem um seguido do outro e vão se entrecruzando diversas vezes. Quando Rânia nasce, já estão estabelecidos três sujeitos em torno da mãe, fazendo de Zana uma figura disputada.

PALAVRAS-CHAVE: Amor; mãe; irmãos; *Dois irmãos*.

ABSTRACT: The family is the stage for all feelings, or at least that's how it should be. Freud (2011), when giving shape and method to Psychoanalysis, dedicated himself intensely to investigating this group, especially its apparent origin, the mother and the baby. Based on this, this article aims to analyze the conflictual family relationship in the novel *Dois Irmãos*, by Milton Hatoum (2000), from a Freudian psychoanalytic perspective, focusing on the bond between Zana's three children: Yaqub, Omar and Rânia. In Freudian theory, the baby perceives himself as *one* with his mother and she, over time, distances herself from him, so that the infant realizes that his mother is no longer an extension of his body. In this distance, other subjects enter the relationship; the first, traditionally exposed by Freud, Would be the father, but it can be any person or situation that removes the mother from skin-to-skin contact with her child. In *Dois irmãos* there is a peculiarity, Omar and Yaqub are twins, which makes this perception of *being one* happen to both, as well as the disconnection from they mother. In this way the first bond announces love and, later, hatred. In the exposed plot, it is not the father who makes the mother-baby separation, but the brother (his equal?). Love and hate are born one after the other and intersect several times. When Rânia is born, three subjects are already established around the mother, making Zana a contested figure.

KEYWORDS: Love; mother; brothers. *Dois irmãos*

¹ Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras &Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atua na Secretaria estadual de educação – SEDUC-AM como professora de ensino médio desde 2012. <http://lattes.cnpq.br/6300483606068770>

² Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras &Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atua na Secretaria estadual de educação – SEDUC-AM como professor de ensino médio desde 2012. <http://lattes.cnpq.br/4314273081399112>

INTRODUÇÃO

*Agora sou órfã de pai e mãe.
Quero filhos, pelo menos três.
(HATOUM, 2006, p.42)*

Nascer é um processo árduo. À primeira vista parece uma etapa que se vence, onde é preciso sair de um ambiente e adentrar a outro, ou melhor, se é expulso de um e inserido em outro do qual nada sabe e os estímulos sensoriais, somados ao processo, podem ser agressivos. Assim, é possível supor que toda a batalha inicia-se ao sair de uma barriga e adentrar a um ambiente novo, mas para a Psicanálise não é tão simples assim.

Ao se perceber que a estrutura psíquica possui divisões e dentre elas há uma na qual o desconhecimento dos conteúdos que a compõe é maior, é correto apresentar que há desejos no indivíduo que ele não tem conhecimento, o que Freud (2011) denominou de inconsciente. Desse modo, desejos, que o Ego/Eu não conseguiu deixar consciente, são reprimidos e recalçados para o inconsciente. Em outras palavras, o sujeito pode esquecer o que um dia foi objeto de desejo, contribuindo para a repetição de comportamentos que apontam para esse desejo ainda não satisfeito ou ainda não interpretado. Esse processo é confirmado também pela psicanalista contemporânea Maria Rita Kehl (1996, p.157), expondo que é “do esquecimento que vem a compulsão à repetição.”

À vista disso, é possível aludir que escolher algo, desejar, ir em direção à realização de algum feito não é despropositado ou gratuito. Se nenhuma escolha está sob a justificativa de ser aleatória, constituir uma família não é algo fora da norma. De tal feita que a mãe, que neste trabalho terá um destaque especial, igualmente tem influência sobre a gravidez e a escolha da permanência dela. Pois para Aulagnier (1991, p. 148), o desejo do outro, da mãe, “vem certificar ao *infans* que ele não é o simples resultado de um acidente biológico”.

Ora, é possível que, para os pais, o desejo de uma gravidez não aconteça de forma clara, mas não é por isso que não haja um desejo - que é preciso retomar - pode ter sido recalçado para o inconsciente. Em vista disso, a presente pesquisa escolheu, para exemplificar também o processo exposto acima, um romance lançado em 2000, de Milton Hatoum, denominado *Dois irmãos*; tendo como objetivo analisar as relações familiares conflituosas, em específico a relação mãe e filhos, pressupondo a presença de alguma competição entre eles por essa mulher. A análise será construída tendo como base a teoria freudiana, onde o desejo dos genitores, consciente ou inconsciente, reflete na história dos filhos.

Um exemplo da teoria no romance é a mãe Zana, que expõe em palavras seu desejo por filhos, frase essa escolhida para a epígrafe da introdução: “quero filhos, pelo menos três” (Hatoum, 2006, p. 42). Desejo esse que virá a se realizar. Dessa maneira, já de início, é possível perceber em, ao menos um dos progenitores, a expressão do desejo em palavras. Contudo, isso não pode ser interpretado como sinônimo de entender para onde esse desejo aponta, ou o que ele quer satisfazer. Para melhor explorar o tema, a análise será separada por nascimento, assim um subtópico para os gêmeos: Omar e Yaqub; e depois, para a segunda gravidez, a de Rânia.

Portanto, para a teoria Psicanalítica, quando não se tem compreensão do motivo primeiro de satisfação do desejo, a cadeia que se segue dele também fica obscura. É como se “sem nenhum testamento, não sabemos desfrutar da herança que nos foi legada. O que equivale dizer que quanto mais estranho a nós é o desejo que deu origem ao nosso desejo, mais ele tenderá a se repetir em nossa vida sob a forma de *destino*.” (Kehl, 1996, p.207) E destino é um fator que se faz presente na trama de *Dois irmãos*, pois é um caminhar para longe da repetição que parece ir de encontro a ele.

1 - A FAMÍLIA EM DOIS IRMÃOS

*A libido se prende aos objetos e também não quer desistir dos perdidos,
mesmo quando já se preparou o substituto.
Eis aí o luto.
(Freud, 1916, p. 223)*

Zana é uma mulher imigrante, que veio morar no Brasil com seu pai Galib. Halim, um mulçumano oriundo do Líbano. Todos escolheram, de alguma forma, Manaus para viver, trabalhar e amar. Os dois núcleos familiares trabalhavam no comércio, Halim como vendedor de porta em porta e Galib e Zana num restaurante chamado Biblos perto do Porto. Encontraram-se, assim, no cotidiano do trabalho e Halim frequentando assiduamente o restaurante.

Depois do empenho de Halim em memorizar e declamar um poema no meio do restaurante, com todos ao redor, “dois meses depois voltou como esposo de Zana” (Hatoum, 2006, p. 39). Mesmo com os comentários das beatas reprovando o casamento, em virtude da classe social de Halim, Galib não apresentou nem apoio nem reprovação quanto aos sentimentos do pretendente da filha, ou ao menos isso não foi tido como importante para ser relatado na história. De modo que Zana “com o olhar, pedia para decidir sozinha” (Hatoum, 2006, p.40) e isso parece ter sido o suficiente para o pai. Mesmo em seus 15 anos, Zana já demonstrava uma “teimosia silenciosa, matutada, uma insistência em fogo brando; depois, armada por uma

convicção poderosa, golpeava ferinamente e decidia tudo, deixando o outro estatelado.” (Hatoum, 2006, p.40)

Já é possível notar que Zana é uma mulher que domina o ambiente e quem decide ativamente a vida que deseja para si. Zana se casa, vive sua lua de mel alguns dias, retorna à casa e sugere que o pai viaje ao Líbano, para reencontrar sua família. Ele vai para não voltar. Entre 15 e 16 anos aproximadamente ela se casa e fica completamente órfã. “A morte, sabemos, é o nó mais duro do real.” (Kehl, 1996, p.134)

A morte, que não dá para ser evitada, no máximo ressignificada, é o que move Zana em busca dos filhos. Filhos esses não desejados por Halim, permanecendo assim por toda a vida. O comerciante queria a esposa para si e somente para si, o primeiro sinal de seu descontentamento é quando Zana lhe tira do foco principal, é a interpretação que ele apresenta ao luto parental: “chorava que nem uma viúva” (Hatoum, 2006, p.42), numa insinuação de que uma mulher só poderia apresentar tal sofrimento mediante a perda de uma história amorosa sexual, como a sua. Ou seja, uma mulher deveria chorar assim quando um marido morre, não um pai. A incapacidade do libanês em sentir empatia por sua esposa já cria indício dos problemas que surgirão com os filhos que Zana deseja ter para aplacar um pouco da dor de não ter uma família consanguínea, descendentes de seus pais já mortos.

O que Halim não sabia, ao menos a nível consciente, é que há sexualidade infantil e que a ligação dos filhos com os genitores é a primeira ligação que sustenta todas as outras. Então, a sua insinuação tem muito de verdade, pois a história é amorosa e sexual, mas não um sexual genital, que aponta para a reprodução, como a sua com Zana. Freud (1905, p. 58) já esclarecia que “não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro.”

Nesse reencontro também está o pai, que pode romper a ligação da criança com o seio e depois com a mãe, limitando-a a esse corpo. Sem os pais de Zana, Halim não seria escolhido e isso já parece estar além do entendimento consciente da própria narrativa que se monta. Assim, Freud (1931, p. 84) também expõe que a exigência dos filhos é enorme, que o Id – instância do prazer – tudo quer para si e que é a realidade, as normas, que vão criando no infante o Eu e o Super Eu (superego). Halim, na relação recente com Zana, assemelha-se, às vezes, a essa criança que tudo quer para si, como uma criança que deseja tudo da mãe e do ambiente em que se encontra. Infantes

[...] são determinados pelas circunstâncias da sexualidade infantil em geral e, assim, valem igualmente para a vida erótica dos meninos. Primeiro e acima de tudo, podemos

mencionar o ciúme de outras pessoas – de irmãos e irmãs, rivais, entre os quais também o pai encontra lugar. O amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo. (Freud, 1931, p. 84).

O tudo desejar vai criar novo ambiente para o casal que acabou de iniciar uma vida em conjunto. Além disso, o não desejo de Halim por filhos, atrelado ao luto de Zana, muito contribuirá para a família que terá novos integrantes. Mesmo com Halim expondo que ter filhos não é uma vontade sua, “um filho é um desmancha-prazer” (Hatoum, 2006, p. 49). A gravidez acontece e a posição de Halim, almejando uma vida somente com a esposa, não mudará mesmo depois dos filhos, que, para a sua felicidade, vêm em dobro.

Um parênteses aqui faz-se de suma importância antes da gravidez de Zana. Nesse ínterim, ainda com o luto forte, uma “irmãzinha de Jesus ofereceu-lhes uma órfã, já batizada e alfabetizada” (Hatoum, 2006, p. 48), uma criança oriunda de um orfanato, cujo pai havia sido morto (ou assassinado) na tribo que morava. Domingas foi o nome que recebeu. Não era uma adoção, era mais uma compra, uma troca pelas doações que Zana e o pai, e posteriormente Zana e Halim, faziam para a igreja. Domingas apanhava tanto e a rotina no orfanato era tão infeliz que ir à casa de Zana pareceu um alívio das freiras.

Halim “concordava com tudo, desde que todos os assentimentos terminassem na rede ou na cama ou mesmo no tapete da sala.” (Hatoum, 2006, p. 48) Com a chegada da criança, o sexo do casal voltou como na lua de mel e só isso para o comerciante importava, já que o comércio era só um meio de ter como se alimentar. Assim, com uma “índiazinha no quintal” (Hatoum, 2006, p. 49), passaram-se dois anos até o nascimento dos gêmeos.

Mesmo que Domingas sustente a casa com seu trabalho, preocupação, amor e depois com o próprio filho, ela continuará sendo uma escrava que trabalha em troca de casa e comida, e será percebida e tratada assim por muitos anos, trabalhando até a morte. Sua contribuição já se faz notória com o nascimento dos gêmeos Yaqub e Omar, nessa ordem. Como o mais novo “adoeceu muito nos primeiros meses de vida” (Hatoum, 2006, p. 50), Yaqub ficou “aos cuidados de Domingas, a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama” (Hatoum, 2006, p. 50).

Por mais que os meses e depois os anos se passassem, essa escolha de cuidado se consolidou, de modo que Domingas decidia como se divertia com Yaqub e Zana com Omar. Este era levado ao circo, a bailes, era fantasiado de saum-de-coleira. Aquele brincava “à margem do rio, longe de Manaus” (Hatoum, 2006, p. 50), imitava soldados e assistia animais e peixes. Domingas fez semelhante com Rânia, depois de quatro anos. Essa parte da primeira infância é essencial para o desenrolar da história, pois o início dela já foi com mães e experiências diferentes.

É possível observar que a ligação de Zana com Omar, e sua constância, já se deu nos primeiros meses e anos de vida, bem como de Domingas com Yaqub. Esse modo de vida pode ser percebido por toda a trama, contudo, com o crescimento dos irmãos, a ligação e – porque não – preferência de Zana por Omar serão sentidas cada vez mais claras por todos os que moram na casa e também por Yaqub. É significativo para as pesquisas de Freud (1917, p. 448) que o indivíduo

tem de se dedicar à grande tarefa de apartar-se dos pais; somente depois de realizada essa tarefa poderá ele deixar de ser criança para tornar-se membro da comunidade social. Para o filho, isso consiste em desprender da mãe seus desejos libidinosos, a fim de empregá-los na escolha de um objeto real e exterior, e em reconciliar-se com o pai, caso lhe tenha permanecido hostil.

Esse quadro que Freud nos monta é fundamental tanto para a vida de qualquer indivíduo quanto para o núcleo familiar que aqui se apresenta, pois esse desprender da mãe se mostra crucial para a vida adulta e até mesmo para a sobrevivência do filho sem a mãe. Essa situação descrita encaixa muito bem com o percurso vital de Omar.

1.1 - OMAR E YAQUB: O REFLEXO DE SENTIMENTOS CONFLITUOSOS

*Saiam iguais,
com o mesmo penteado
e o mesmo aroma de essências do Pará borrifado na roupa.
(Hatoum, 2006, p. 20)*

Parece ser habitual que irmãos gêmeos, especificamente os idênticos, sejam vestidos iguais, acentuando as semelhanças físicas. Com Yaqub e Omar foi assim, como é possível observar na epígrafe, que além da roupa e penteados, ainda era colocado nos dois o mesmo perfume. Contudo, mesmo com tanta força de deixá-los iguais, cada sujeito é singular e já foi apresentado que os irmãos foram criados na primeira infância por pessoas diferentes, frequentando lugares distintos.

Antes de abordarmos os fatos que levaram aos grandes conflitos entre os gêmeos, um adendo é necessário: o sentimento conflituoso que Yaqub nutria quando se comparava ao irmão. Futuramente, quando ele retorna do Líbano, vê os barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés, despertando-lhe memórias de sua infância com o irmão:

sem tirar os olhos da paisagem da infância, de alguma coisa interrompida antes do tempo, bruscamente. Os barcos, a correria na praia quando o rio secava, os passeios até o Careiro, no outro lado do Rio Negro, de onde voltavam com cestas cheias de frutas e peixes. Ele e o irmão entravam correndo na casa, ziguezagueavam pelo quintal, caçavam calangos com uma baladeira. Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do

irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. (Hatoum, 2006, p. 14).

Essa memória que Yaqub tem nos mostra que eles tinham uma infância comum entre irmãos, que envolviam brincadeiras e atividades como também os pequenos desafios de um contra o outro. Até poder-se-ia afirmar que existia um conflito, mas este seria interno, diante da admiração que Yaqub declara ter pelo irmão mais novo.

Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio o do outro, quando via o braço do Caçula enroscando no pescoço de um curumim do cortiço que havia nos fundos da casa. Sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acovardado, ao ver o Caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos, aguentar o cerco e os socos deles e revidar com fúrias e palavrões. Yaqub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar. (Hatoum, 2006, p. 14).

Assim, o que se vê é uma tensão apenas por parte de Yaqub, mas longe de ser o de raiva ou qualquer outro sentimento negativo em relação ao irmão. Isso é um conflito pela apreciação que o irmão mais velho tem em relação ao mais novo, por admirar sua determinação e não se acovardar frente às brigas. Yaqub tem raiva de si mesmo por não conseguir ser como Omar, logo entendido como falta de amor-próprio pelo *Dicionário básico de Filosofia*, pois é “em seu sentido atual, sentimento que o sujeito experimenta quanto ao seu valor pessoal, de sua própria dignidade e do respeito de si: ‘consciência’ de sua auto-estima.” (Japiassú; Marcondes, 2006, p. 8) Dessa forma, Yaqub demonstra que a admiração que sente pelo irmão reflete-se na forma de raiva de si, mas por não conseguir ser como o outro, por isso esse sentimento que aflora ao querer ter as características de Omar, mas sem conseguir possuí-las.

Desse modo, adentra-se ao primeiro conflito concreto, palpável. A cena dos irmãos arrumados e cheirosos é em virtude de um filme que será exibido na casa dos Reinoso, vizinho da família. Como a cinegrafia ainda é novidade e muito cara, todas as crianças eram reunidas no último sábado de cada mês, colocavam a melhor roupa, como já percebemos. Assim, Omar e Yaqub também compareciam à exibição do filme, entretanto havia mais um fator que fazia com que esse evento fosse tão mais importante: a presença de Lívia.

O contato com Lívia não havia iniciado nesta tarde, mas se deu no baile de carnaval anterior a esse evento na casa dos Reinoso. Por volta dos 13 anos os dois já percebiam a presença de Lívia e esta, a deles. Todavia, Zana ordenou que Yaqub, na noite do baile, levasse a irmã mais nova para casa. Nesse intervalo Omar dança com Lívia, abraçados e calmos. O irmão mais velho ao retornar vê a cena e volta à casa triste por não ser o que estava tão próximo de Lívia.

O movimento de Zana não é percebido pelos gêmeos, muito provavelmente por eles ainda não terem maturidade para tal, entretanto a escolha de Zana de beneficiar um e desprezar outro se faz presente e é reforçada a cada novo conflito, com ou sem a mão dela.

Retornando a narrativa, posteriormente Yaqub afirmou que odiou aquela festa, “as músicas daquela noite, os mascarados e a noite” (Hatoum, 2006, p. 16), claramente por seus planos terem sido frustrados graças ao irmão. Ele não teve coragem de se aproximar dos dois e tentar reverter a situação. Mas não se poderia esperar uma atitude diferente dele, afinal, como já visto anteriormente, ele não tinha a mesma determinação de Omar. Assim, no evento do filme, Yaqub já não tinha esperanças de reencontrá-la e Omar já apresentava-se confiante, justamente por causa do último encontro.

Nenhum dos gêmeos soube prever o futuro, justamente porque Lívia parecia “atraída pelo aroma que exalava dos gêmeos. Sorria pra um, depois para o outro. [...] Não era sonsa, era uma mocinha apresentada, que sorria sem malícia [...] Mas gostava dos gêmeos; olhava dengosa para os dois.” (Hatoum, 2006, p. 21) Omar não soube lidar com a escolha de Lívia pela companhia de Yaqub na casa dos Reinoso, já imaginava a moça cheirando e mordendo o “gogó dele”, já havia “prometido roubar o Land Rover dos pais e passear com ela até as cachoeiras do Tarumã” (Hatoum, 2006, p. 22). Zana, como muito ligada a Omar, percebeu todo o movimento e escondeu a chave do carro.

Destruída toda a fantasia, Omar não se contém ao ver “os lábios de Lívia grudados no rosto de Yaqub” (Hatoum, 2006, p. 22) e quebra uma garrafa de vidro na mesa, com o estilhaço rasga o rosto de Yaqub. Essa meia lua no rosto, o irmão mais velho carregará por toda a vida. Maria Kehl (1996, p. 66) demonstra questionamento sobre o ciúme, pois será que é “mera coincidência ou condicionamento cultural o fato de que geralmente, diante da exacerbação do ciúme, um homem pode matar (o rival, a mulher infiel)?” Já Freud (1927, p. 21) exterioriza que os instintos de matar está no homem, ser humano, e que caminhar à civilização requer a superação desses desejos. Porém, esse caminho não configura uma atividade simples.

Com as proibições que as estabeleceram, a civilização – quem sabe quantos milhares de anos atrás? – começou a separar o homem de sua condição animal primordial. Os desejos instituais que sob elas padecem, nascem de novo com cada criança. [...] entre esses desejos instituais encontram-se os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar.

A criação do Supereu, as normas que a sociedade impõe por meio dos progenitores, contribuem para que a civilização, por meio de cada sujeito, saia do âmbito mais assemelhado ao animal. Contudo, em Omar pode-se perceber que o corte dele com o desejo, dele com a mãe, não foi realizado, de modo que ao ferir o irmão, com potencial de morte, não houve qualquer

menção punitiva, pelo contrário, “os pais tiveram de conviver com um filho silencioso. Temiam a reação de Yaqub, temiam o pior: a violência dentro de casa. Então Halim decidiu: a viagem, a separação. A distância que promete apagar o ódio, o ciúme e o ato que os engendrou.” (Hatoum, 2006, p. 23)

Incentiva-se a violência e a vítima é punida. Essa prerrogativa não é boa para a criação de uma família minimamente saudável futuramente. O ódio já podia se fazer presente ao Zana escolher diariamente cuidar, conviver, passear, alimentar Omar em detrimento de Yaqub e, posteriormente, de Rânia. Por mais que um filho deseje a mãe somente para si, já que “a mãe cuida de todas as necessidades do filho, a quem, por isso mesmo, interessa que ela não cuide de mais ninguém” (Freud, 1917, p. 442). Com o crescimento desses pequenos, a relação deve mudar, pois outras atividades devem invadir a vida dessa mãe que também é mulher, esposa e porque não, profissional.

Mas não parece ter sido assim com Zana. O apego a Omar é sustentado por toda a vida, tanto assim acontece que Yaqub é enviado ao Líbano com 13 anos. Halim pretendia enviar os dois, já que ele não queria a nenhum filho, mas como sua força nunca se mostrou maior ou equivalente à de Zana, Yaqub foi enviado para uma vida de solidão, de outra língua e cultura, sem previsão de retorno. Nesses 5 anos que poderiam ter durado mais, “Omar foi tratado como filho único, o único menino.” (Hatoum, 2006, p. 10) E o ódio foi fermentando em Yaqub e o silêncio na casa, pois os gritos e algazarras eram destinados a Omar, em suas chegadas nas madrugadas, bêbado e sujo.

Maria Rita Kehl (1996, p. 62) evidencia um estudo de caso que acompanhou, onde a

mãe do nenezinho recém-nascido, torna-se neném junto do filho e “desiste” dos prazeres da sexualidade adulta em troca de ter, de volta, os privilégios da onipotência infantil. Ela não cuida da criança, a não ser no ato sensualíssimo da amamentação. Ela não quer mais o sexo, como não quer ser exigida em nada além de estar com seu bebê, dormir com ele e amamentá-lo. E está feliz como nunca, essa moça, tendo driblado uma possível depressão pós-parto com esse truque engenhoso: ela não se separou do bebê – ela é o seu bebê.

A narrativa de *Dois irmãos* é contada por terceiros. A história chega ao leitor já traduzida por pelo menos duas pessoas, todavia, o estudo de caso muito se assemelha à vida de Zana, pois oriunda de um luto à distância (morte do pai no Líbano), uma “adoção” de empregada-adolescente-escrava e uma gravidez para diminuir o vazio familiar, uma possível depressão pós-parto não está longe de ter acontecido. A ligação com Omar ultrapassa a união necessária mãe-bebê para sobrevivência deste último. A barra, o corte desses dois não é feito e esse amalgamento prejudica o crescimento de Omar, que passa muitos anos tentando se desvencilhar e retornando a ela repetidas vezes.

Assim, à maneira de todas as mães insatisfeitas, ela colocou o pequeno filho no lugar do seu marido e roubou dele, por meio do amadurecimento precoce de seu erotismo, uma parte de sua masculinidade. O amor da mãe pelo lactante, que ela alimenta e cuida, é algo muito mais profundo do que a afeição, posterior, pela criança crescida. Ele é, por natureza, uma relação amorosa plenamente satisfatória, que realiza não apenas todos os desejos psíquicos, mas também todas as necessidades corporais. (Freud, 1910, p. 138).

Na análise de Freud de Leonardo Da Vinci, a mãe descrita substitui o filho pelo esposo, queixa que Halim pronuncia desde que os gêmeos são pequenos. Por mais que Halim não os desejasse e não se colocasse a disposição para amá-los, os limites não foram colocados, de modo que o erotismo que Zana tanto valoriza permanece muito forte ainda na adolescência e vida adulta dos filhos.

Freud (1927, p. 64) também apresenta que a educação para a realidade é questão de sobrevivência. “Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a ‘vida hostil’. Podemos chamar isso de ‘*educação para a realidade*’.” Educar para a realidade não é processo simples, é necessária muita dedicação e energia do núcleo familiar. Em *Dois irmãos*, abre-se mão de um filho desde o nascimento e depois o confirma na adolescência, excluindo-o até da vivência da língua materna e da nacionalidade brasileira.

No intervalo dos 5 anos da ausência forçada de Yaqub, Omar apresenta comportamentos sem responsabilidade em maiores proporções, mas não inéditos em comparação com os que apresentava na infância. As festas de Omar tornaram-se mais rotineiras (já na infância a diversão de mãe e filho eram as festas) e sua chegada era cuidada pelas duas mulheres da casa, sobretudo por Zana, que “saía da rede, arrastava o corpo do filho até o alpendre e acordava Domingas: as duas o desnudavam, passavam-lhe álcool no corpo e o acomodavam na rede. Omar dormia até meio-dia.” (Hatoum, 2006, p. 26)

Omar cresceu em corpo e força. Mas como se pode verificar, um bebê com corpo de homem. Porém, “se acreditamos que tudo o que temos hoje nos foi dado de graça, que nunca tivemos que construir nada, nossa capacidade de investir em projetos custosos, de adiar gratificações, é mínima.” (Kekl, 1996, p. 223) Essa definição muito se encaixa na trajetória de vida de Omar, posto que Yaqub teve que se refazer para sobreviver orgânica e psiquicamente em outro país, onde não conhecia ninguém. Zana o nomeia de “matuto, um pastor” (Hatoum, 2006, p. 12) no retorno à Manaus, que sua adaptação não seria boa, Yaqub “vai esquecer o português e não vai pisar em escola, porque não tem escola lá na aldeia de tua família.” (Hatoum, 2006, p. 12)

É colocado sobre Yaqub o menosprezo que Zana sente de Halim, o que pode explicar muito do porquê a separação e destrato constantes. Ela não conseguindo separar-se de Halim,

seja pela tradição ou pela religião, faz com o filho, que nada tem de culpado nessa relação o faça. Assim, a realização da satisfação do desejo é deformado para que o Eu de Zana suporte esse conteúdo na consciência. De forma distorcida, o desejo é parcialmente cumprido.

Os conflitos não se encerram aqui, mas é possível analisar que o que era mais prejudicial era a ligação ilimitada que Zana alimentou com Omar. A sua ausência com os outros dois filhos, apesar de tudo, fizeram-na resistir aos problemas, e o afeto ficou a cargo de Domingas, assim como se pode perceber em muitas famílias, onde são as empregadas que formam os sujeitos, ficando aos pais a carga genética e/ou a financeira. Aqui Domingas, uma índia, insere na vida de Yaqub e Rânia a importância da terra, do trabalho, da vida em comunidade.

Sem dúvida, os adultos normais conseguem separar essas duas atitudes uma da outra, e não estão obrigados a odiar seus objetos amorosos ou a amar seus inimigos tanto quanto a odiá-los. Nas primeiras fases da vida erótica, a ambivalência é evidentemente a regra. Não poucas pessoas retêm esse traço arcaico durante toda sua vida. É característico dos neuróticos obsessivos que, em seus relacionamentos objetivos, o amor e o ódio se contrabalançam mutuamente. (Freud, 1931, p. 88).

Assim Freud nos apresenta que amar e odiar faz parte da vida de todos os sujeitos, que amar e odiar são faces de uma mesma moeda. Por outro lado, é indispensável que isso seja superado, que os indivíduos deixem essa ambivalência ao perceberem que a vida é mais do que dois sentimentos. Em outras palavras, o sujeito precisa de ajuda para ultrapassar essa dualidade, o que não parece haver muito claramente na história dos gêmeos. Rânia e Domingas, a duras penas, tentam ser essa ponte, mas não apresentam distanciamento relacional suficiente para tal.

Dessa maneira, a história de Yaqub e Omar se repete por todo o livro, as brigas e as pazes, o soco e o abraço, o elogio e o xingamento, num aproximar e distanciar, e assim a (re)pulsa se faz presente, em um jogo de pulsar, vibrar e desse movimento de repetir constantemente, tanto no processo de atração quanto de distanciamento. Isso pode acontecer justamente porque há uma energia forte entre eles, deles com o núcleo familiar, mas que ninguém sabe ao certo nomear, lidar com o sentimento por meio da palavra. Na ausência da linguagem verbal, a corporal se faz presente. E aqui Omar é mestre.

1.2 - O APAGAMENTO DE RÂNIA

*Zana conhecia o meu namorado,
o homem que eu amava...
Eu queria viver com ele.
(Hatoum, 2006, p. 155)*

O próprio título da obra de Hatoum já anuncia que há uma relação entre dois irmãos, todavia, Zana e Halim tiveram três filhos; os gêmeos, Yaqub e Omar, e a caçula Rânia.

Entretanto, um problema é criado na narrativa, mesmo sendo filha (e irmã dos gêmeos) pouco espaço é destinado à sua participação na história, inclusive no seio familiar, mais especificamente em relação ao contato com a mãe.

Ainda que durante a narrativa ela vá assumindo os papéis sociais exercidos pelos pais, não se destinam momentos onde ela possa exercer algum protagonismo enquanto irmã mais nova. Uma provável interpretação é que a figura feminina já está sendo ocupada por Zana, não sendo possível, assim, outra pessoa no mesmo lugar. O que pode se configurar uma competição entre mãe e filha, na disputa pela atenção dos homens da casa (os gêmeos e o pai), onde só a mãe pode ser o centro das atenções. Maria Rita Kehl (1996, p. 60) confirma que em um contexto de competição “é a ameaça a perda do amor, e não do pênis, que sinaliza a necessidade da renúncia feminina ao Édipo. É para não ser eliminada pela mãe rival e para poder ser amada de algum jeito pelo pai que a menina aceita a feminilidade como destino.”

Essa feminilidade quase como submissão é aceita por Rânia como sendo um dos poucos lugares que ainda lhe restam a ocupar, já que até mesmo o “título” de caçula lhe é logrado, pois esse apelido é destinado ao Omar, constantemente chamado de Caçula, e o apelido, até certo ponto lhe cabe, pois ele nasceu depois de seu irmão Yaqub. Todavia, essa alcunha deveria ser transferida à Rânia no momento em que ela nasce. O que nos demonstra é que o nascimento dela não teve a mesma importância que o dos gêmeos. É quase uma não-filha, intrusa, e por isso invisível.

Pode-se justificar a permanência do epíteto a Omar devido ao fato dele ter nascido adoentado e requerido maior atenção por parte de Zana, o que gerou um laço afetivo de proteção muito maior entre a mãe e o gêmeo mais novo. Logo, a atenção que deveria ser destinada à Rânia foi direcionada *ad eternum* apenas a Omar. Supõe-se assim, que por lutar por um lugar na família, Rânia começasse a assumir o papel que os outros membros da família exerciam. É ela quem assume os negócios da família, trabalhando na loja e fazendo a modernização sugerida por Yaqub, muitos anos depois. Também assume a administração da casa, da família e da venda da mesma para pagar a dívida contraída por Omar. Esse movimento de Rânia não é por acaso, pois para Maria Rita Kehl (1996, p. 45),

a passagem para a feminilidade constitui, na mulher, um superego mais complacente em relação à lei paterna e bem mais exigente em relação às demandas do narcisismo materno. Uma bissexualidade muito menos recalcada que a do homem, já que para este toda identificação com a mãe é sentida como ameaça de perda, enquanto para a mulher toda possível identificação paterna é lucro.

Assim, a identificação com o pai, em um movimento ativo, masculino, é o escolhido, já que o irmão que estuda e trabalha já está em outro estado, nessa mesma atividade, mas sem a

competição que é estabelecida em Manaus. Rânia, então, assume o papel que, a priori, só é exercido com força e ímpeto por Domingas, já que o pai não tem hora para abrir nem fechar a loja, vende fiado e prioriza o jogo, a conversa e a bebida *arak*. A única atividade que se sobressai sobre essas três é a visita de Zana para o sexo.

O pai abre mão de todas as atividades que poderiam se configurar masculinas, pondo-se como mais um filho de Zana, que deseja o contato pele a pele, de exclusividade. Quando algo requer mais dele, há ausência e irresponsabilidade, seja consigo ou com a família, que como pai numa família de molde tradicional, deveria sustentar financeiramente. E essa função ele faz de modo mínimo. Sem Rânia, faltaria até o alimento. Além do apagamento que lhe é imposto, ela aceita estar por trás das cortinas desse palco, sustentando a todos sem pedir recompensa nem agradecimentos, nem tendo a liberdade que um homem teria nessa mesma posição.

Por que os homens inventaram a feminilidade e a impuseram docemente às mulheres, sinalizando a elas a fantasia que corresponde ao seu desejo? A resposta a esta pergunta tem alguma coisa a ver com o masoquismo – não aquele mais caricato, da fixação do desejo nos tacos de botas e chicotinhos, e sim o masoquismo de todos nós, isto é: a disposição para a passividade, a entrega sem limites, a submissão, que se encontra frequentemente em um dos dois polos do par amoroso. (Kehl, 1996, p. 188-189)

Com o passar dos anos a identificação – perto de uma substituição - e aproximação com a mãe se dá por meio de Omar, pois é ela quem ainda se preocupa em dar alguns trocados para as farras do irmão e pagar aquilo que ele deixa fiado nos bares, bem como mandar buscar notícias sobre ele pela cidade. Papel antes exercido por Zana e que passam às mãos de Rânia quase como uma forma de estar perto da mãe depois de sua morte e, por que não, justamente pela morte.

Rânia não ganha sua independência financeira e afetiva longe da família, não se casa, não sai da cidade para estudar, “abandonou a universidade no primeiro semestre” (Hatoum, 2006, p. 70), não tem filhos e absorve as responsabilidades e dívidas de seus pais. Para ela não existe protagonismo enquanto independência longe dos progenitores, a exemplo de Yaqub que pôde estudar e se formar e de Omar que, ainda que diferente do irmão, possuía a liberdade, autorização e patrocínio para viver sua vida como bem queria.

Por outro lado, situações conflituosas não são percebidas claramente entre ela e os dois irmãos. Nos momentos em que há contato entre eles, isso se dá de forma pacífica, não se sabe se por falta de coragem ou por concordar com eles, mas não havendo sinais de repulsa e muito menos de ódio por parte dela e dos irmãos em relação a ela. Contrariamente à mãe, que ao vetar

um potencial relacionamento, cancelando a festa de quinze anos, disse “que a filha dela não ia conviver com um homem daquela laia” (Hatoum, 2006, p. 155). Desse dia em diante Rânia recusou todo pretendente, não importando a profissão, a classe social, a aparência. Somente “saía do quarto na noite de aniversário da mãe e nas ceias natalinas” (Hatoum, 2006, p. 70).

Rânia assume, mesmo que por poucas horas, o lugar da mãe, da que chama atenção para si, da que seduz quem desejar. E para tal semelhança, a ligação com os gêmeos, principalmente com Omar não poderia ser diferente, pois a noite do aniversário da mãe era a única em que Rânia se maquiava, permitindo-se um vestido com decote, realçando suas pernas, em uma figura sensualíssima. Nesse dia Omar deixava bilhetes e flores amorosos à mãe, o que “despertava em Rânia uma paixão nunca vivida.” (Hatoum, 2006, p. 69)

A transposição da posição de Zana para Rânia vai se tornando cada vez mais evidente, por mais que Rânia visse os defeitos do irmão, por um momento, naquela única manhã do ano, “esquecia o farrista cheio de escárnio e via no gesto nobre do irmão o fantasma de um noivo sonhado. [...] Omar sorria, fazia-lhe cócegas nos quadris, nas nádegas, uma das mãos tateava-lhe o vão das pernas. Rânia suave, se eriçava e se afastava.” (Hatoum, 2006, p. 69).

Ficamos sabendo que na época da puberdade, quando o instinto sexual pela primeira vez faz suas demandas com força plena, os velhos objetos familiares e incestuosos são retomados e, de novo, investidos de libido. A escolha objetal infantil foi apenas um prelúdio débil, mas balizador, da escolha realizada na puberdade. Nesta, processos emocionais bastante intensos se desenrolam na direção do complexo de Édipo ou em reação a ele, mas tendo suas premissas se tornado insuportáveis, trata-se de processos que, em grande parte, permanecem forçosamente alheios à consciência. (Freud, 1917, p. 447).

A competição clássica Edípica dar-se aqui entre a Zana e Omar. Rânia compete com a mãe pela atenção, olhares e toques de Omar, e não de Halim. A filha, na ambivalência do ódio pela mãe vetar-lhe o rapaz que desejava, fecha-se a todos os outros mas com abertura aos irmãos, pois “mistura os dois, e da mistura sairá meu noivo” (Hatoum, 2006, p. 73). Assim, visando provocar a mãe ao não aceitar os pretendentes, constrói uma vida em função dessa mesma figura materna, o ódio a aproximou, identificando-se com a mãe, mesmo a nível inconsciente. “Trata-se de não efetuar as mudanças por força de rompimentos, pois ao romper esquecemos e ao esquecer (recalcar), somos determinados por aquilo que foi esquecido.” (Kehl, 1996, p.207)

Portanto, isso não significa que há um amor excessivo entre os irmãos, mas um carinho perceptível – que pode chegar perto do incesto - no contato entre Rânia e os irmãos. Ela orbita de forma pacífica entre eles, mas sem influenciá-los, sem gerar conflitos nem tensões que envolvam os dois, justamente porque a primeira relação que há atrito é com a mãe. Assim, “faz

sentido pensar que a normalidade, a adaptação à “vida como ela é”, o pleno silêncio dos órgãos (ou dos afetos) garantidos pela saúde sejam modalidades consentidas de uma doce alienação.” (Kehl, 1996, p.81)

Rânia, que deveria ter sido protegida, pelos pais ou pelos irmãos, é justamente por eles assediada sexualmente, que lhe exploram o trabalho na loja, o doméstico e a tratam quase como a empregada-escrava Domingas. Só uma mulher pode ser mulher na casa. Esse lugar de subserviência não é admitido conscientemente por ela, talvez por ser um lugar possível de ocupar, onde os demais membros da família não entrem em competição com ela.

Por isso, Rânia ao escolher não perceber/sentir o núcleo familiar, elegeu uma forma de vida mais alienada, e para não vê (ou proteger-se?), trancou-se no quarto por muito tempo. Concomitantemente, esse comportamento não pareceu ter efeito positivo e precisou pensar no seu futuro financeiro, pois não tinha em nenhum membro da família a esperança de redenção de nenhuma ordem. Era preciso que ela se salvasse, mas só conseguiu se libertar dos pais quando eles morreram, restando ainda Omar para cuidar.

Desse modo, a figura da mulher como a que está para servir e cuidar é colocada primeiro de modo forçoso a Rânia, depois como única escolha possível na família. A independência foi escolhida diante da escassez, de modo novamente forçado. E mesmo depois da morte dos pais, ela não mais voltou a ter vez na narrativa, não houve uma superação de seus medos e enfrentamento de seu eu mulher-sexual. Seja por um viés social-moralista ou por ter incorporado de que isso cabia somente a Zana, a quem desejava ser, a quem desejava ser desejada por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A linguagem traz em si o estigma da separação.
É preciso, às vezes, resignar-se a mais essa pena.*
(Bosi, 1993, p. 61)

A relação que envolve os três irmãos na narrativa de Milton Hatoum, de longe se desenrolou de forma pacífica. E assim não poderia ser, uma vez que, apesar de parecer opostos, amor e ódio se entrelaçam durante as relações de qualquer indivíduo.

Em se tratando dos três irmãos, os conflitos mais violentos se deram entre os gêmeos Yaqub e Omar. O sentimento de repulsa entre os dois foi alimentado por um silenciamento que se manifestava antes mesmo da agressão infligida pelo irmão mais novo contra o mais velho. O distanciamento da mãe, as festas separados, os passeios e as horas distanciados tem um peso direto na vida dos dois, pois eles foram afastados forçosamente, quando eles, antes de

conhecerem a mãe ou quem quer que fossem, conheciam um ao outro ainda no barriga, antes do nascimento. Só existe repulsa quando antes houve pulsação, aproximação, ligação.

Seguem-se vários episódios onde um irmão observa o outro e onde eles se percebem. Primeiro quando Omar volta do baile em que dança com Lívia e ele senta-se em frente ao irmão, que finge dormir. Depois o silêncio do próprio Yaqub, que se questiona internamente do motivo pelo qual Zana não chama a atenção do irmão por voltar, já na adolescência, das festas altas horas da madrugada, após o baile de carnaval. Mais um silêncio, e esse extremamente danoso a Yaqub, quando é mandado para o Líbano, mesmo sendo a vítima da agressão, que se refletiu em não responder as cartas que os pais escreviam. Até no primeiro contato, após o retorno de Yaqub, foi possível perceber um empobrecimento no diálogo dos gêmeos, pois “pouco falaram, e isso era tanto mais estranho por que juntos, pareciam a mesma pessoa.” (Hatoum, 2006, p. 20)

A palavra é o que pode traduzir a ação em signo. Transformar sentimento em palavra não deixa os dois em igualdade, mas é um processo necessário. “Consultem sua experiência; e constatarão que só compreendemos os outros, e que só compreendemos a nós mesmos, graças à velocidade de nossa passagem pelas palavras.” (Valéry, 2007, p. 195) Para Valéry, a palavra é mediação do contato e entendimento com o outro sujeito, o que muito corresponde à interpretação construída nesse trabalho, pois o silêncio pode ter feito com que o núcleo familiar não caminhasse para uma possível compreensão uns dos outros.

O que aconteceu no decorrer da narrativa, pois houve um afastamento silencioso que fora alimentado por Zana, inclusive quando o Caçula perguntava quando o irmão exilado no Líbano voltaria, “Zana não lhe respondia, talvez porque também para ela era inexplicável o fato de Yaqub ter passado tantos anos longe dela.” (Hatoum, 2006, p. 18) Esse questionamento deu-se depois de Omar ferir o irmão, o que pode ser sido como um sinal de aproximação da parte de Omar, ao anunciar preocupação com o afastamento do irmão, mas que foi ignorado por Zana, justamente por ela também não saber o porquê de sua decisão ou porque causou o conflito, já que foi ela quem afastou Yaqub, deixando Omar livre com aquela que desejava.

Essa ligação umbilical que deveria ter sido cortada ainda na infância, num processo natural de substituição tanto da mãe em relação ao filho e vice-versa, não ocorreu, tanto que Zana “levou para o bangalô da filha a rede e todos os objetos de Omar, a fotografia do pai e a mobília do aposento. Deixou apenas a roupa de Halim pendurada numa arara de metal enferrujado.” (Hatoum, 2006, p. 188)

Zana chega a reconhecer sua culpa na predileção em manter o Caçula próximo dela, quando em carta que envia para Yaqub pede perdão “por tê-lo deixado viajar sozinho para o

Líbano. Ela não deixou Omar ir embora, pensava que longe dela ele morreria.” (Hatoum, 2006, p. 171) Ela não chega a justificar o motivo de acreditar no que afirmou na carta. Porém, como visto anteriormente, Zana substitui a figura do pai pela dos filhos, mesmo a contra gosto de Halim em ter herdeiros. A postura dela em manter consigo os pertences do gêmeo mais novo demonstra como esse laço ainda era forte, é uma maneira simbólica de tê-lo junto dela. Depois de sua morte, quem zela por Omar é Rânia.

As relações entre os irmãos não se modificaram com o passar dos anos. Yaqub vive sua vida em São Paulo exilado, se assim pode-se dizer, uma vez que se afasta da família, com certeza cheio de mágoas, alimentadas desde a infância quando ficava aos cuidados de Domingas. Omar em nada mudou seu estilo de vida descompromissado, afinal nunca houve uma cobrança, a não ser por parte de Halim, que pudesse mudar sua forma de se comportar, tanto que quem assume a administração da família não é nenhum dos gêmeos, mas sim Rânia. A ela nem espaço foi permitido para construir uma história distinta daquela a que foi inserida. Pertencia a família, mas apenas perpetuou a função que seus pais exerciam.

Mesmo tendo que ver a casa da família ser vendida para pagar a dívida dos dois irmãos com Rochiram, e tendo herdado da mãe os cuidados excessivos com Omar, mesmo já sendo adulta, ela o amava, tanto que após sair do presídio, graças ao dinheiro dela, “Rânia fez de tudo para se aproximar dele, mas Omar se esquivava, fugia da irmã e de todos os vizinhos.” (Hatoum, 2006, p. 195) Nada indica que Rânia tivesse alguma mágoa do irmão mais velho, contudo por parte dele ainda existia um silenciamento demonstrado em não citar os irmãos quando escrevia para Nael (provável filho de Omar com Domingas, fruto de um estupro). “Nas cartas em que Yaqub me enviou nunca falava do irmão nem de Rânia, sequer resvalou no assunto.” (Hatoum, 2006, p. 195)

Por fim, as relações entre os irmãos se compôs de sentimentos conflituosos, aquele sentimento de admiração que o gêmeo mais velho possuía pelo ímpeto do mais novo mudou para um sentimento negativo alimentado por um “não falar sobre o assunto”, gerando cicatrizes além da física em Yaqub – que apanhou mais do que no episódio da adolescência -, com problemas não resolvidos e que se refletiram até em Rânia, que ainda assim buscava uma aproximação com Omar, tentando completar o que a mãe iniciara.

REFERÊNCIAS

AULAGNIER, Piera. Observações sobre a estrutura psicótica. IN.: C.S. Katz (Org), **Psicose: uma leitura psicanalítica**. São Paulo, SP: Escuta, 1991.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas, vol. XI (1910-1909), Rio de Janeiro: Imago, 1996

_____. **O ego e o id “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O futuro de uma ilusão** (1927). Pequena coleção das obras de Freud. Imago editora: Rio de Janeiro, 1974.

_____. **Sexualidade feminina** (1931). Pequena coleção das obras de Freud. Imago editora: Rio de Janeiro, 1974.

_____. Terceira parte: teoria geral das neuroses (1917) O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. IN: **Conferências introdutórias à psicanálise** (1916-1917). Tradução Sergio Tellaroli – 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Transitoriedade (1916). IN: **Arte, literatura e os artistas**. Tradução Ernani Chaves. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2006.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: imago ed., 1996.

VALÈRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras USP, 2007.

Recebido em: 14/10/2023

Aprovado em: 14/02/2024

Publicado em: 24/06/2024



10.29281/r.decifrar.2024.1a_17